

ALAN PHILPS

«Um relato de intriga e opressão.»

The New York Times

HOTEL VERMELHO

**A história inédita da Guerra
de Desinformação de Estaline**



v o g a i s

Este livro é dedicado aos heróis desconhecidos dos meios de comunicação internacionais, sejam eles tradutores-secretários ou facilitadores, que permitem que os correspondentes estrangeiros pareçam bem informados, corajosos e sensatos.

«A Rússia teve sempre as melhores histórias, aquelas em que o sangue é mais sanguíneo, a escuridão é muito mais profunda e o heroísmo muito mais brilhante.»

MARK GALEOTTI

Índice

Introdução	11
Prólogo	19
1. Junho de 1941: A correspondente de guerra acidental	23
2. Julho-setembro de 1941: Trabalho de guerra adequado	29
3. Agosto de 1941: Mãe da revolução britânica	43
4. Eis o Metropol	57
5. 1917: A formação de uma jovem revolucionária	73
6. Setembro de 1941: Bajular a imprensa	89
7. Outubro de 1941: Os incómodos com os jornalistas	113
8. Outubro de 1941: O grande pânico de Moscovo	125
9. Novembro de 1941: O mundo está muito mais pobre	143
10. Inverno de 1941–1942: Banquete em tempo de fome	155
11. 1921–1923: Continuar a espiar	163
12. 1942: Meninas do Metropol	179
13. Verão de 1942: Fantoques do Kremlin e bestas fascistas	193
14. 1931–1932: Amerika	197
15. Verão de 1942: O Sr. e a Sr. ^a Rússia em casa	215
16. Outubro de 1942: Prisioneira no Metropol	235
17. 1942: Um exército no exílio	251
18. 1943–1944: Uma vala comum polaca	261
19. Verão de 1943: A arma do visto	273
20. Quem era o verdadeiro Ralph Parker?	285
21. Novembro de 1943: A festa em cena	299

22. Fevereiro de 1944: Um gostinho do estrangeiro	307
23. 1944–1945: «Os Fantasmas no Telhado»	319
24. A parede invisível do Metropol.	327
25. Maio de 1945: Winston Smith em Moscovo	335
26. 1947–1948: Batem à porta.	341
27. 1951: A Galinha e a Águia	365
28. 1977: Do Ártico à Côte d’Azur	381
29. Após a Guerra	389
Epílogo	411
Bibliografia.	421
Agradecimentos	425
Índice de nomes.	427

Introdução

No começo de 1943, quando o Exército Vermelho se preparava para travar a maior batalha de tanques da Segunda Guerra Mundial, aquela que viria a determinar o destino da força invasora de Hitler, o jornalista norte-americano Edgar Snow tropeçou e caiu quando caminhava no centro de Moscovo. A Rua Gorki era a montra da modernização que Estaline fizera na capital soviética e, na década de 1930, a estrada empedrada fora alargada para seis faixas rodoviárias. Os elétricos subiam e desciam silenciosamente a rua, em vez dos *drojkis* puxados a cavalo com os seus condutores imprudentes. Contudo, mesmo na Rua Gorki modernizada, os pavimentos eram irregulares. Estendido no chão, Snow aceitou a mão prestável de um russo e expressou um rápido «*spasibo*» — obrigado —, tendo como consequência a fuga imediata daquele que viera em seu socorro, ao reconhecer um sotaque estrangeiro. A lei soviética exigia que os cidadãos participassem instantaneamente à polícia qualquer contacto com estrangeiros, por mais fugaz que fosse. Não sabemos se o bom samaritano se afastou rapidamente para se apresentar na polícia ou, mais sensatamente, para tentar evitar um encontro com uma organização temida. Snow quis registar uma história para os seus leitores norte-americanos, principiando com as palavras, «Pela primeira vez em Moscovo, conheci um russo comum. Logo que abri a boca, ele fugiu». O censor travou-a.

Snow era um de pelo menos cinquenta dos principais correspondentes de guerra do mundo — e alguns aventureiros

intrépidos — que chegaram a Moscovo para cobrir a maior história da guerra na Europa, o combate titânico entre as divisões até aí nunca derrotadas da Wehrmacht de Hitler e o exército de Estaline, composto na sua maioria por camponeses e cuja classe de oficiais fora trucidada nas purgas dos anos 1930. Estaline não desejava acolher jornalistas britânicos e norte-americanos em Moscovo — dificultara de tal forma a vida a jornalistas estrangeiros que quase todos tinham feito as malas e partido quando a Alemanha invadiu o país em 1941. Contudo, Churchill, que na sua juventude fora um corajoso correspondente de guerra, acreditava firmemente que testemunhos oculares emocionantes da frente oriental persuadiriam o público britânico de que valia a pena enviar os escassos aviões e tanques para reforçar o muito fustigado Exército Vermelho.

Com as suas forças a recuarem todos os dias e prevendo que Hitler alcançaria Moscovo dentro de semanas, Estaline não estava em posição de recusar, mas certificou-se de que os ávidos jornalistas estrangeiros eram mantidos longe da frente de batalha e não teriam oportunidade de transmitir o tipo de relatos empolgantes que Churchill fornecera ao seu país dos conflitos coloniais no Sudão e na África do Sul. Exerceu um controlo impiedoso mediante censura severa, um regime de vistos que favorecia jornalistas dóceis, a interdição de deslocações não supervisionadas e a proibição do contacto com cidadãos soviéticos, exceto algumas «focas amestradas» — escritores e dançarinos autorizados pelo governo a falar com estrangeiros.

Quando me senti para escrever este livro, tencionava contar a história esquecida dos repórteres dos Aliados que viveram e trabalharam durante a guerra no Hotel Metropol de Moscovo, e descrever como, de maneiras variadas, lidaram com as pressões concebidas para fazer deles porta-vozes da propaganda do Kremlin e até recursos para a espionagem soviética. Quanto mais investigava, mais claro se tornava que os heróis desta história foram as tradutoras soviéticas que eram os olhos e os ouvidos dos jornalistas de visita. Recrutadas pela polícia secreta soviética

e consideradas leis ao regime, algumas delas arranjaram maneira de, com enorme risco pessoal, revelar a verdade da vida sob o regime de Estaline. Esta é a primeira vez que a história destas mulheres é contada.

O Metropol, outrora o mais elegante hotel de Moscovo, estava em 1941 um pouco decadente. Nas palavras de Edgar Snow, «tinha uma certa aparência e um certo odor de um bordel imenso, mas em dificuldades». Os quartos serviam como escritórios dos jornais durante o dia, como alojamentos à noite e antros de bebida a quase qualquer hora. Por isso, não surpreendia que, com reservas disponíveis de *vodka* e o luxo ímpar de água quente nas casas de banho privativas, as vertentes pessoal e profissional se confundissem.

Este livro não é de história académica, mas uma tentativa de recriar a atmosfera do Hotel Metropol no tempo de guerra e contar as histórias dos personagens que por lá passaram. Numa altura em que a população russa subsistia com uma ração diária de 400 gramas de pão escuro, adulterado com várias substâncias para fazer volume, o Metropol era uma ilha com um nível de vida elevado, onde os jornalistas eram mimados com caviar, bolos com natas e bebidas espirituosas baratas. Conservados atormentadamente à distância do maior combate da história, os jornalistas tinham tudo o que precisavam, exceto a liberdade de escrever relatos noticiosos genuínos.

É legítimo perguntar por que razão este episódio da Segunda Guerra Mundial poderia ter interesse ainda hoje. Eu diria que é mais relevante do que nunca. Com o breve período de vida da Rússia em democracia a encerrar-se, Estaline volta a ser aclamado como um grande líder. A vitória do Exército Vermelho naquela que os russos chamam Grande Guerra Patriótica está na origem do espírito militarista que Putin instilou no povo russo ao longo das suas duas décadas no poder. Estaline esmagou o nacionalismo ucraniano no final da guerra e repôs como fronteiras do Estado soviético aquelas que eram as do império czarista. Oitenta anos depois, Putin segue as pisadas de Estaline e leva a cabo uma

guerra para erradicar o Estado ucraniano e provar que a Rússia ainda é uma grande potência. É conveniente recordar hoje que houve alguns cidadãos soviéticos corajosos na década de 1940 que conservaram acesa a chama da verdade.

O meio dos órgãos de comunicação social é hoje totalmente diferente do que era nos anos 1940, quando reinava a imprensa escrita, e a rádio e o cinema eram os disruptores. Estaline controlava já toda a imprensa escrita e emitiu em 1941 um decreto a confiscar todos os recetores de rádio do país, pelo que a população apavorada os entregou. Porém, mesmo com o seu domínio total sobre os meios de comunicação nacionais, Estaline estava determinado a amordaçar os correspondentes estrangeiros, de modo a que nenhuma informação interdita pudesse escapar para a sociedade russa. Esta política prestou-lhe um bom serviço: o seu regime sobreviveu e prosperou, ao contrário daquele do seu predecessor, o czar Nicolau II, que perdeu o trono na Primeira Guerra Mundial.

Putin não ignorou esta lição, lançando uma mão de ferro sobre os órgãos de comunicação russos nos primeiros anos deste século, pelo que, quando lançou o seu ataque à Ucrânia, bastaram alguns dias para silenciar as cadeias independentes de televisão e rádio que ainda restavam. Não houve a necessidade de instituir uma censura formal. Os órgãos de informação internos e estrangeiros foram policiados com tal rigor que apenas uma palavra errada — tal como referir-se à invasão da Ucrânia como «guerra» — resultaria em prisão e encerramento dos respetivos meios de difusão, no caso dos jornalistas nacionais, ou na expulsão para os estrangeiros. Mesmo com os canais televisivos russos a emitirem continuamente propaganda a favor da invasão, resta saber por quanto tempo Putin conseguirá manter o domínio sobre a narrativa de uma guerra que conjecturara durar apenas três dias.

Algumas palavras acerca de como decidi escrever esta história. Hospedei-me pela primeira vez no Metropol quando, estudante de 15 anos, viajei com a minha mãe russófila numa excursão organizada pela URSS. No aeroporto de Moscovo, o guia turístico repartira os excursionistas por diferentes hotéis. «Tiveram sorte,

ficaram no Metropol. É o melhor», disse-nos ele. Quando chegámos ao Metropol, decorria uma discussão terrível no átrio: um grupo excursionista francês ficara a saber que as reservas no hotel que lhe haviam prometido não existiam e um dos seus membros gritava «*Ce sale pays!*»¹, olhando furioso para mim e para a minha mãe, os recém-chegados, como se fôssemos cúmplices da humilhação sofrida por si. Os turistas podiam usar senhas para comer numa cantina instalada do lado exterior do hotel, com uma extensa ementa de pratos indisponíveis. Para servir, havia frango com maçãs. Enquanto rapazinho sabichão da escola, não deixei de me pronunciar: «Devem querer dizer frango com batatas, não maçãs; é a mesma palavra nas ementas francesas.» Mas não era. Quando veio o prato, era um frango esquelético com pequenas maçãs atrofiadas num molho aguado. Depois daquilo, optámos pela salada «*stolichni*»: batata em maionese com salsicha picada.

O meu primeiro emprego como correspondente estrangeiro foi na qualidade de estagiário da Reuters em Moscovo, em 1979, quando o sistema de controlo da imprensa aperfeiçoado em 1941 era menos invasivo, mas ainda reconhecivelmente o mesmo. Após Moscovo, inaugurei um escritório norte-africano em Tunes, onde travei amizade com uma mulher russa extraordinária que lá estava como correspondente da BBC. Embora ela tivesse mais do dobro da minha idade, a diferença de anos era irrelevante, pois era muito divertido estar com ela, tamanha era a sua energia, e o facto de ter muito para me ensinar. Enquanto jovem em Moscovo, Tanya conseguiu emprego durante a guerra como tradutora no Metropol e casara com Ronald Matthews, um excêntrico correspondente britânico. Ela fora com Ronald para Paris e depois para Tunes, e, quando ele morreu, ficou com o lugar dele na BBC. Na sua magnífica casa, na aldeia costeira azul e branca de Sidi Bou Said, deliciou-me com histórias do tempo que passara no Metropol, a tentar arranjar um vestido de noiva na Moscovo do tempo de guerra quando não havia literalmente nada à venda nas lojas. Arquivei essas memórias.

¹ «Que país sujo!», em tradução livre. [N. T.]

Após mais duas temporadas como correspondente em Moscovo de um jornal, fui parar de novo ao Metropol, num baile de beneficência organizado no amplo salão de banquetes do hotel. Sob uma cúpula esplendorosa em vitral, estavam dispostas mesas em torno de um fontanário de mármore branco onde haviam nadado carpas de dimensão épica nos tempos pré-revolucionários, sendo todo o conjunto iluminado por candeeiros de luz indireta que pareciam palmeiras douradas e adornadas com lamparinas cujo brilho era refletido sobre os comensais por enormes espelhos fixados nas paredes. Era um cenário de luxo secular, concebido para abrir os cordões às bolsas dos novos-ricos russos.

No decurso do *cocktail* que precedeu o jantar, uma amiga que eu convidara ofereceu-me um presente, uma história do hotel acabada de publicar. Entre pratos, esgueirei-me do salão de jantar, de livro na mão, e subi as escadas das traseiras até ao 3.º andar. Longe do rebuliço do baile, enquanto avançava por um dos intermináveis corredores, suficientemente largo para ser percorrido por um carro de combate, fui invadido por uma sensação de mal-estar. Fora aí, num gabinete improvisado num dos quartos «de luxo», que Lenine recebera delegações de operários. Estaline andara por aqueles corredores enquanto planeava o extermínio dos seus inimigos e eu senti que, a qualquer momento, um dos seus carrascos se atravessaria à minha frente. Ao chegar ao meu quarto, havia sinais de que alguém andara a bisbilhotar e não se preocupara que eu desse por isso. Procurei o nome de Tanya no livro, no capítulo relativo aos anos de guerra, e deparei com a notável Nadya Ulanovskaya, cujo fervoroso sentido de justiça perante uma ditadura impiedosa surge nas páginas seguintes.

* * *

Uma palavra acerca dos nomes russos, sempre um obstáculo para os estrangeiros. Chamei, por exemplo, a Nadya Ulanovskaya sempre «Nadya», mesmo nas ocasiões em que seria mais apropriado referi-la da maneira formal, pelo primeiro nome e o patronímico,

como Nadezhda Markovna. Quanto ao marido, é referido como Alex, não obstante ser universalmente conhecido na Rússia pelo nome de guerra Alyosha, um diminutivo que a ouvidos estrangeiros soa como feminino.

Do mesmo modo, referi Charlotte Haldane pelo seu primeiro nome, quando na altura ela devia ser sempre apelidada de «Sr.^a Haldane», nome de casada. O seu biógrafo preferiu chamá-lhe Charlotte e este uso é, além disso, legitimado pelo facto de a família Haldane nunca a ter aceiteado plenamente como uma deles. Entre os outros jornalistas, o tratamento é livremente subjetivo. Ralph Parker, que tendia a irritar as pessoas, surge como Parker. E quanto a Tanya Matthews, uma das primeiras inspiradoras desta história, lembro-me dela a dizer maliciosamente, ao passar a *harissa* à sua melhor amiga durante um almoço de cuscuz tunisino, «Viva perigosamente, *Madame* Benattar». No entanto, não me recordo de ninguém, nem mesmo nesses tempos mais formais, tratar Tanya por *Madame* Matthews.

Prólogo

Odessa, abril de 1919

Na frente portuária de Odessa, uma adolescente distribuía panfletos a marinheiros franceses que se acotovavam em torno de si numa massa indisciplinada. Agarravam nos panfletos com um sorriso e um cortês «*Merci, mam'selle*»¹. Impressos numa gráfica clandestina, os panfletos apelavam aos marinheiros franceses para que se juntassem aos revolucionários bolcheviques que, menos de dois anos antes, haviam executado o czar Nicolau II e a sua família. Esther, com 16 anos, mas capaz de parecer dois anos mais velha, estava tão imbuída de fervor revolucionário que nem pensou nas consequências de incitar os marinheiros a amotinarem-se.

Esther tinha um mercado à mão para a sua propaganda. Os marinheiros só queriam ir para casa. No final da Grande Guerra tinham sido enviados para o sul da Rússia para apoiar os exércitos dos Brancos, o que restava do regime imperial condenado, contra as forças superiores do Exército Vermelho. Os marinheiros percebiam que aquela era uma batalha que não podiam vencer.

O coro tranquilo do «*Merci, mam'selle*» silenciou-se subitamente com um brado de «Bolchevique!». Esther metera descuidadamente um panfleto nas mãos de um oficial francês que lhe agarrou o braço e fez soar o apito. Ela viu-se rodeada pela polícia militar francesa. Um camarada de cara sardenta que distribuía panfletos ali perto correu em seu auxílio e também foi

¹ «Obrigado, m'nina» em tradução livre. [N. T.]

imediatamente detido. Ambos foram arrastados para uma esquadra de polícia. Quando começaram a revistá-la, aterrada com a possibilidade de a despirem completamente, exigiu ser revistada por uma mulher. Responderam-lhe: «Quando te envolves em atividades destas, és tratada como um soldado.»

Esther e o camarada foram levados para o quartel-general francês, numa esplêndida propriedade próxima de Odessa, onde foram separados e submetidos à justiça sumária do julgamento militar em campo.

— És bolchevique? — perguntaram-lhe.

— Sou uma trabalhadora.

— Estou a perguntar-te a que partido pertences.

— Mas todos os trabalhadores são bolcheviques.

Disseram a Esther que aquela incitação à deserção era um delito capital. Levaram-na para uma sala e deixaram-na sozinha. Imaginou o seu comandante, por quem estava secretamente apaixonada, a meditar acerca da memória da sua morte heroica. Antes que tivesse tido tempo de pensar em qualquer outra coisa, foi levada para um pátio e encostada a um muro ao lado do seu camarada ruivo. Alinhou-se diante deles um pelotão de fuzilamento composto por cinco homens. O rosto do camarada ficou tão pálido que as sardas se destacaram, até nos lábios. Ela sussurrou-lhe: «Vamos morrer de qualquer modo, por isso, mostremos-lhes como morremos.» Ele dirigiu-lhe um sorriso lastimoso através dos lábios descorados.

Os soldados levantaram as espingardas. O oficial que a prendera deu uma ordem em francês, mas não soaram tiros. Em vez disso, o rapaz foi levado e Esther ficou sozinha com o oficial. Parecia que ia ser libertada, mas o oficial tinha outras ideias. Agarrou-a e tentou arrastá-la para os arbustos. Ela conseguiu soltar-se das mãos dele e correu para a vedação. Avistava agora uma fila de soldados, alguns em carroças puxadas por cavalos, que ora avançavam ora se imobilizavam ao longo da estrada. O oficial que a prendera alcançara-a e começou a bater-lhe. Da estrada, uma voz gritou em francês:

- Que é que estás a fazer, a espancar uma mulher?
- Não é uma mulher, é uma bolchevique.
- Ah, então, está bem, dá-lhe.

Com gente a assistir, ela logrou soltar-se e misturou-se no caos dos soldados do Exército Branco e suas famílias que fugiam para o porto, na esperança de serem evacuados. Esther nunca descobriu o que acontecera ao rapaz sardento.

Desde que aderira à revolução bolchevique, tinha virado costas ao mundo fechado de Bershada, a *shtetl* onde nascera, e erradicara da mente uma lenda que confortara a sua família ao longo de gerações. Um dos seus antepassados, rabino e homem santo, foi chamado a depor em tribunal contra um judeu acusado de furto². Apesar de o judeu ser culpado, o rabino não queria testemunhar contra ele, receando inflamar o preconceito russo contra a comunidade judaica. Porém, também não podia mentir. Pediu a Deus que o deixasse morrer antes da audiência no tribunal. Em troca, a família nunca seria abastada, mas ninguém teria uma morte violenta nas sete gerações seguintes. Aconteceu então que, na noite da véspera do dia em que tinha de testemunhar, o rabino faleceu durante o sono. Esther pertencia à sétima geração a beneficiar do acordo do rabino com o Todo-Poderoso³.

Com a bênção do rabino que continuava a protegê-la, Esther nunca se retraía diante do perigo; e também não perdia o sentido abrasador de justiça que a impulsionara em adolescente a arriscar a vida ao incitar os marinheiros estrangeiros a amotinarem-se. Ao longo da sua vida, adotou muitos nomes, mas neste livro será conhecida como Nadya, a mulher que vinte anos mais tarde, na

² Contam-se muitas histórias acerca do rabino Raphael de Bershada (1751–1827), cuja recusa em dizer uma mentira era tão intransigente que preferia a morte a pronunciar uma falsidade, mesmo quando outros eruditos religiosos a considerassem justificada. Ver Shnayer Z. Leiman, «From the Pages of Tradition: R. Raphael of Bershada's Commitment to Truth», *Tradition: A Journal of Orthodox Jewish Thought* 40, n.º 1 (2007), pp. 79–86.

³ Nadezhda Ulanovskaya e Maya Ulanovskaya, *Istoria Odnoi Semyi*, 3.ª edição (Inanpress, 2013), p. 20.

Moscovo do tempo de guerra, impôs a si mesma a tarefa quase impossível de quebrar o muro de silêncio em torno da verdadeira natureza do regime de Estaline. A sua história é uma das que estão por contar acerca das mulheres corajosas que trabalharam no Hotel Metropol, coração da campanha de desinformação de Estaline em tempo de guerra.

1

Junho de 1941: A correspondente de guerra acidental

Eram 9 horas da manhã de 22 de junho de 1941 e Alice-Leone Moats, a preferida do meio diplomático em Moscovo, ainda dormia profundamente, com os reposteiros de veludo coçados do seu quarto no Hotel Metropol a cumprirem a função de não deixarem passar os raios de sol. Havia apenas um mês que estava em Moscovo, mas nenhum encontro da comunidade estrangeira ficaria completo sem ela. Rara mulher independente, que falava cinco idiomas com fluência, animava as recepções diplomáticas com os seus olhares glamorosos e as suas indiscrições maliciosas. Proveniente dos Estados Unidos, um país que continuava a manter-se neutro perante a guerra, navegava sem esforço entre os campos mutuamente segregados das potências beligerantes: os alemães e os italianos de um lado; os britânicos e os seus aliados do outro.

Nesse domingo de manhã, foi rudemente acordada pelo retinir estridente do telefone ao lado da cama e ficou surpreendida ao ouvir a voz de John Russell, um diplomata britânico a quem desejava boas-noites apenas algumas horas antes, no fim de um jantar de convívio no restaurante Aragvi¹.

«Não me parece boa ideia ires dar esse passeio de carro pelo campo hoje», disse descontraidamente Russell. «Os alemães lançaram o ataque às 4 horas da manhã. A guerra chegou finalmente à Rússia.» Receando uma repetição da *Blitz* de Londres,

¹ Alice-Leone Moats, *Blind Date with Mars* (Doubleday, 1943), p. 229.

e situando-se o hotel perto do Kremlin, Russell disse a Alice para abandonar de imediato o Metropol. Ela respondeu que pensaria nisso durante o pequeno-almoço e tocou a campainha na parede, ao lado do desenho de um empregado a correr. Quando o criado idoso apareceu a arrastar os pés uma hora depois, não se apercebeu de nenhuma alteração no seu comportamento — era óbvio que não sabia que o seu país estava em guerra².

Ao meio-dia, enquanto fazia as malas, ouviu os altifalantes instalados por toda a cidade ganharem repentinamente vida³. Pela janela, viu pessoas congregadas em grupos a escutarem em silêncio. Era Molotov, o ministro das Relações Exteriores de Estaline, a anunciar que as forças nazis haviam lançado um ataque não provocado contra a União Soviética. O inimigo não era o povo alemão, declarou, ouvindo-se claramente pelos altifalantes o tremor que lhe modulava a voz, mas antes «uma facção de governantes alemães sanguinários e fascistas». Apenas dois anos antes, Molotov assinara um tratado de amizade e não-agressão com a Alemanha, o «pacto dos malfeitores» que chocou gente de esquerda em toda a Europa. Durante esses dois anos, não foi autorizada na imprensa soviética qualquer palavra crítica contra a Alemanha e viam-se uniformes nazis entre os convidados das paradas do 1.º de Maio, na Praça Vermelha e no Metropol. Agora, Molotov estava a dizer que o governo alemão era um grupo de criminosos nazis que havia escravizado a maior parte da Europa. Quanto a Estaline, mantinha-se silencioso, escondido no Kremlin. Logo que a alocação terminou, as pessoas dispersaram.

Lá em baixo, enquanto Alice esperava que a sua conta fosse preparada, um fluxo de pessoas abeirava-se da rececionista do hotel e perguntava: «Estamos mesmo em guerra?» A rececionista respondia simplesmente «sim» e encolhia os ombros. Quando veio a conta, Alice concluiu que lhe faltavam 500 rublos, pelo que teria de ir à embaixada norte-americana onde um diplomata

² Alice-Leone Moats, *Blind Date with Mars*, p. 229.

³ Alice-Leone Moats, «Russians Are Like That», *Collier's*, 26 de julho de 1941.

guardava no seu cofre o seu dinheiro. Os táxis que costumavam esperar à porta do hotel haviam desaparecido, pelo que decidi ir a pé. O sol do início da manhã dera lugar a um chuvisco ligeiro. O que esperava era ver sinais de alvoroço e milhares de pessoas a fugirem da cidade, tal como acontecera aquando da queda de França. Todavia, as ruas de Moscovo mostravam-se tal como em qualquer outra tarde de domingo, contrastando apenas o facto de os polícias andarem agora com máscaras de gás. Onde estava a fúria perante a traição de Hitler? O único som que saía pelos altifalantes anunciava um *blackout* e medidas de precaução contra ataques aéreos, seguindo-se trechos ruidosos de música marcial empolgante. Enquanto recém-chegada a Moscovo, impressionaram-na os rostos inexpressivos dos transeuntes. Não mostravam indícios de inquietação. Recordou-se daquilo que John Russell lhe dissera ao telefone nessa manhã. A sua empregada reagira à notícia de que o seu país estava em guerra com as palavras «Se tivermos de morrer, morremos», pegara no pano do pó e voltara ao trabalho⁴.

O motivo de Alice ter ido para Moscovo era um segredo que queria ocultar dos russos. Tudo principiou por um capricho. Num restaurante de Nova Iorque, em julho de 1940, deparou com Laurence Steinhardt, um amigo da família que ocupava o cargo de embaixador dos EUA em Moscovo. Abeirou-se da sua mesa e perguntou, a rir:

— Quando voltar para Moscovo, leva-me consigo?

— Claro, a Dulcie e eu adorávamos tê-la lá connosco —, respondeu ele automaticamente. Mais tarde, viria a lamentar amargamente esse convite espontâneo.

Apesar de não ter experiência jornalística, para além de escrever alguns perfis de celebridades, Alice persuadiu a revista *Collier's* a incumbi-la de uma série de artigos acerca da sua viagem pelo Japão e pela China até à Rússia. Estava fora de questão conseguir um visto de imprensa para Moscovo — eram tão raros como

⁴ Alice-Leone Moats, *Blind Date with Mars*, p. 232.

os dentes das galinhas —, por isso, pediu ao Departamento de Estado que lhe carimbasse no passaporte «Válido para a URSS via Oriente, para efeitos de estudo», sendo deixado em branco o espaço para «ofício». Steinhardt apoiou-lhe a candidatura ao visto e até exerceu influência junto do embaixador soviético em Washington, que prometeu usar «dinamite» para conseguir que fosse aprovado.

Quando Alice fez o pedido de um passaporte e o Departamento de Estado soube com quem estava a viajar, não houve maneira de deter a torrente de intriga entre Washington e Nova Iorque. Poderia ser verdade que o velho Steinhardt se tornara imprudente e ia regressar a Moscovo com uma socialite de 32 anos que trabalhara como modelo? Steinhardt tentou entrar em contacto com Alice para a dissuadir de ir para Moscovo, mas ela estava com os pais no México. Quando a encontrou, bem cedo pela manhã de 8 de agosto, o dia em que deviam embarcar juntos de São Francisco para o Japão como primeira etapa da viagem para a Rússia, ele estava num estado de grande agitação. «Não podemos simplesmente viajar juntos. A culpa é toda sua, foi demasiado indiscreta. Será um escândalo — já é. Proíbo-a de ir comigo.»

Sem se deixar demover, duas semanas depois Alice viajava no barco seguinte para o Japão. Estava totalmente empenhada numa aventura que principiara como uma brincadeira. Quando chegou finalmente a Moscovo, em maio de 1941, Steinhardt não estava no aeroporto para a receber; enviara um secretário. O embaixador estava a passar o dia na sua casa de campo.

Enquanto jornalista norte-americana, Alice integrava uma espécie em vias de extinção em Moscovo. A década de 1930 tinha sido uma era de ouro para os correspondentes estrangeiros, uma profissão glorificada no filme de Hitchcock, *Correspondente de Guerra*, com as suas despesas por conta excessivas e uma autoestima que é alvo de troça no romance *Enviado Especial*, de Evelyn Waugh. Reis, presidentes e ditadores abriram as suas portas por toda a Europa a correspondentes especiais norte-americanos.

Porém, não na Rússia, onde o Kremlin precisava de ocultar o custo humano de transformar uma economia campesina em potência industrial a uma velocidade alucinante: uma fome que matou milhões de pessoas na Ucrânia e no Sul da Rússia. Walter Duranty, correspondente do jornal *The New York Times* que fora galardoado com o Prémio Pulitzer em 1932 pelas suas reportagens acerca do sucesso da economia planeada de Estaline, fez a melhor ocultação da extensão da fome — «Os russos estão famintos, mas não a morrer à fome» era a manchete do jornal a 1 de março de 1933. Todavia, correspondentes em visita, tais como H. R. Knickerbocker⁵ do *Public Ledger* de Filadélfia, não eram tão dóceis como Duranty. Knickerbocker escreveu, após uma viagem pela Rússia: «O fervor e o terror são os dois instrumentos psicológicos para a concretização do Plano.»

O departamento soviético de imprensa começaria em breve a afastar jornalistas, restringindo as viagens e exercendo uma maior censura. Em 1940, com o pacto de não-agressão germano-soviético em vigor, Estaline era um aliado não-beligerante de Hitler, fornecendo o cereal para alimentar a Wehrmacht na derrota que impôs à França e o combustível para propulsionar os bombardeiros que devastavam Londres. Estaline não tinha a necessidade de correspondentes anglo-americanos em Moscovo.

O sucessor de Duranty no gabinete do *The New York Times*, G. E. R. Gedye, escreveu que os correspondentes em Moscovo haviam sido «reduzidos à função de redatores de resumos da TASS e da imprensa oficial». Num telegrama frio dirigido ao jornal *The New York Times* depois de ter deixado Moscovo e encerrado os escritórios, escreveu: «Moscovo deixou de existir como centro de notícias e todos os correspondentes que ainda lá estão sabem que o seu trabalho é totalmente desprovido de valor.»⁶

⁵ Deborah Cohen, *Last Call at the Hotel Imperial: The Reporters who Took on a World at War* (William Collins, 2022), p. 120.

⁶ Artigo enviado para o jornal *The New York Times* no encerramento do escritório de Moscovo, 30 de julho de 1940, Museu de Guerra Imperial, GERG23 iii.

Na altura em que Alice chegou a Moscovo, a cidade era um deserto jornalístico. Porém, assim que Hitler invadiu a União Soviética, era um deserto em que os correspondentes de guerra de todos os países dos Aliados competiam para armar as suas tendas. Fazer a cobertura das batalhas titânicas na frente oriental seria a maior história da guerra na Europa. Com as suas forças a retirarem de uma frente ampla e a precisarem desesperadamente do fornecimento de aviões e tanques norte-americanos e britânicos, Estaline já não podia permitir-se isolar a URSS dos órgãos de comunicação estrangeiros. Este foi o sinal de partida para uma corrida entre jornalistas para chegarem primeiro à capital soviética e deslindarem aquilo a que Churchill chamou «a charada embrulhada num mistério e metida num enigma» que era a Rússia.

*Julho-setembro de 1941:
Trabalho de guerra adequado*

Era um dia de sol de julho de 1941 e Charlotte Haldane avançava apressadamente pela Gray's Inn Road em direção a Kemsley House, um edifício que lhe era familiar no seu papel de vigia de ataques aéreos no bairro londrino de St. Pancras. Seis meses antes, fora atingido em cheio, morrendo três pessoas e ficando destruído o gabinete de lorde Kemsley, magnata da imprensa. Nesse dia, ela ia para lá por uma razão muito diferente: uma entrevista de emprego com o editor do *Daily Sketch*. Já fora rejeitada pelos editores de dois jornais de Fleet Street que declararam ter os seus próprios homens para colocar em Moscovo. Desta vez, equipara-se com argumentos que nenhum editor podia rejeitar.

Tendo já antes trabalhado no setor dos jornais, sabia que integrar-se exigia ir beber aos bares certos e, para uma mulher, ser capaz de aguentar a bebida como um homem. Um encontro fortuito com um subeditor num *pub* de Fleet Street proporcionou-lhe a informação de que o *Daily Sketch* continuava à procura de um jornalista adequado para cobrir a guerra na frente oriental. Quando ela telefonou a Sidney Carroll, o editor, ele pediu-lhe que passasse pelo jornal no dia seguinte.

Ao chegar a Kemsley House, Charlotte viu que os danos provocados pela bomba haviam sido rapidamente reparados. Enquanto aguardava ser chamada ao gabinete do editor, o porteiro contou com orgulho o modo como a edição de 6 de janeiro, na manhã seguinte ao ataque aéreo, fora para as bancas tal como

habitualmente, apenas com um ligeiro atraso. No gabinete do editor, enquanto Carroll se levantava para lhe apertar a mão, ela avançou diretamente para o seu argumentário bem ensaiado. Uma jornalista seria bem recebida na Rússia — o Exército Vermelho não discriminava mulheres e levá-la-ia para o coração da refrega na linha da frente. E graças à filiação dela no Partido Comunista, os russos analisariam rapidamente o seu pedido de visto e ficaria bem colocada para obter uma entrevista com Estaline e ultrapassar a imprensa mundial. Deteve-se quando viu o editor a acenar com a cabeça em concordância. Disse-lhe que ele próprio não tinha qualquer problema em nomear uma mulher para aquela importante posição, nem lhe dizia respeito que ela fosse membro do partido, mas poderia ter dificuldade em convencer lord Kemsley, «antibolchevique fanático», em empregar uma notória comunista. «Deixe o assunto comigo», disse-lhe ele quando se despediram¹.

Ao sair do gabinete de Carroll, Charlotte pensou como era bizarro estar a tentar arranjar emprego num tabloide conservador, e até mais conhecido pelas suas fotografias dramáticas do que pela escrita de qualidade. Contudo, era a única possibilidade de conseguir um bilhete para Moscovo.

O tempo estava bom e Charlotte decidiu seguir a pé para casa, percorrendo as ruas por onde circulara de carro durante os ataques aéreos noturnos, a inspecionar os danos infligidos pelas bombas e oferecendo ajuda àqueles que haviam perdido os lares. Agora que a *Blitz* terminara, tinha mais tempo disponível.

Subiu a Gray's Inn Road e virou para a Sidmouth Street, parando em frente da igreja de São Pedro, atingida pelas bombas, na esquina de Regent's Square. Tudo o que restava da esplendorosa torre do relógio, com três andares, que fora um ponto de referência local, eram as bases das suas finas colunas jónicas. Subiu Portland Place e seguiu por Park Crescent. Embora já a tivesse visto antes, continuava afetada pela devastação da rua

¹ Charlotte Haldane, *Truth Will Out* (Weidenfeld, 1949), p. 191.

mais elegante de Londres. Quase metade da área ficara reduzida a entulho.

Atravessou a estrada para Regent's Park e decidiu ir ver o colégio de Bedford, que ficara danificado durante um dos últimos grandes ataques aéreos, em maio. Enquanto passeava entre as árvores de copas frondosas e junto ao lago animado por aves aquáticas, Charlotte deteve-se um momento a refletir acerca da guerra. Às árvores sucedeu-se um espaço bombardeado. À sua frente, envolvida em entulho, estava a estrutura do refeitório do colégio de Bedford. Tudo o que restava era o vigamento em aço que sustentara a cobertura, parecendo um esqueleto de um enorme monstro que fora desencarnado por necrófagos.

Era ali a universidade para mulheres onde ela, enquanto estudante inteligente, estivera destinada a completar a sua formação. Em vez disso, após o seu pai judeu-alemão ter perdido a fortuna, foi obrigada a matricular-se num curso de estenografia para se sustentar. Durante esse período — que recordava como os meses mais miseráveis da sua vida —, caminhava de casa até Swiss Cottage, passando pelo colégio de Bedford quando as alunas estavam de saída, a tagarelar com as suas acentuações vocálicas chiques e a apreciarem visivelmente a vida académica que deveria ter sido a sua.

Mediante uma pura força de vontade, graças à sua aptidão para línguas e para a escrita, passara de secretária-rececionista numa agência de concertos a jornalista do *Daily Express*. Foi contratada como colunista de mexericos, reportando as vidas sociais dos ricos ociosos, a função editorial que menos se adequava a si, tanto pela sua maneira de ser como pela sua educação. Não obstante, conseguiu produzir os textos bajuladores que o jornal queria e foi progredindo até se ter tornado uma das poucas mulheres jornalistas a trabalhar tanto no *Daily Express* como no *Sunday Express*, de serviço sete dias por semana, a cobrir uma variedade de áreas, incluindo os tribunais penais, a Câmara dos Lordes e o Palácio de Buckingham.

Ao casar com J. B. S. Haldane, destacado biólogo e geneticista, renunciara ao jornalismo diário e dedicara-se a divulgar

as suas descobertas científicas ao grande público, tornando o seu nome muito conhecido nesse processo. Quando as nuvens da guerra se acumularam sobre a Europa, dedicou-se ao combate antifascista na Guerra Civil de Espanha, ajudando voluntários internacionais a chegar a Espanha e acompanhando Paul Robeson, o cantor norte-americano, numa digressão pela linha da frente para levantar o moral dos soldados que lutavam pelo condenado lado republicano². Tendo em conta o seu compromisso com a causa, sentiu que não podia impedir o seu filho de 16 anos, do primeiro casamento, de se alistar nas Brigadas Internacionais. A sua carreira variada incluiu até aí a escrita de *Man's World*, um romance distópico de ficção científica em que uma elite masculina de cientistas dividira as mulheres em «entretenimentos» esterilizados e «reprodutoras» consagradas, considerado por muitos um precursor de *Admirável Mundo Novo*, de Aldous Huxley, publicado seis anos depois. Apesar de tudo isto, ainda sentia ter algo a provar.

Proveniente de um meio de imigrantes e não dispondo da formação universitária por que ansiava, era levada a sentir-se inferior pelo grande sucesso da família Haldane e do seu importante círculo social em Cambridge, que troçava da sua pronúncia, característica dos bairros desfavorecidos, e desdenhava o seu ofício como jornalista. Retraiu-se da arrogância dos eruditos de Cambridge o que a arrastou para o marxismo. Já antes visitara a URSS uma vez, em 1928, com J. B. S. — como toda a gente conhecia o seu marido — e voltara com a ideia de que, fossem quais fossem os defeitos do sistema soviético, estava ali a formar-se uma sociedade nova e mais igualitária.

A vida com o marido revelava não ser o idílio que imaginara. Apesar de serem celebrados nos círculos de extrema-esquerda como modelo de casal progressista, em finais da década de 1930, o casamento já não era mais do que uma fachada. Ambos queriam

² Judith Adamson, *Charlotte Haldane: Woman Writer in a Man's World* (Macmillan, 1998), p. 119.

ter filhos juntos, mas tal como Charlotte contou à nora muitos anos depois, J. B. S. era impotente, talvez em consequência de um ferimento recebido na Primeira Guerra Mundial, e usava uma cinta³.

Em Cambridge, Charlotte, com a sua «aparência de princesa cigana a esconder um coração de leão»⁴ e a sua inteligência inquisidora, era um polo de atração para estudantes dotados, reunindo-se na sua sala de visitas académicos inconformistas para discutir arte, ciência e ideias progressistas. À chegada, encontravam um dos orientandos de J. B. S. a tocar *jazz* no seu piano de cauda Bechstein. J. B. S. convidara Martin Case a viver em sua casa em vez de nas residências universitárias, e em breve tornou-se amante de Charlotte⁵. Quando ela entrou para o *Daily Sketch*, Charlotte e J. B. S. viviam separados.

Agora que a União Soviética entrara na guerra e era aliada da Grã-Bretanha, ela via uma oportunidade para relançar a sua carreira jornalística. Informaria os seus leitores dos feitos heroicos do Exército Vermelho, que estava a esmagar o nazismo e com ele a manifestação mais perversa do antissemitismo. Após a sua visita à Rússia em 1928, deixara que tivesse sido J. B. S. a contar tudo. Ele dera entrevistas e proferira palestras. Agora, seria a sua vez.

Quando regressou ao seu apartamento em Swiss Cottage, Charlotte sentou-se junto ao telefone. Mais para o fim da tarde, o editor telefonou: conseguira o contrato. Pagar-lhe-ia vinte libras por semana, mais do que o triplo do salário médio na altura, mais as despesas — voltaria a sustentar-se a si mesma e a ser independente. Teria de arranjar maneira de viajar para Moscovo e apenas o Ministério da Informação britânico poderia organizar o transporte. O editor disse-lhe que entrasse de imediato em contacto com o ministério pois queria que estivesse em Moscovo antes do *Express*.

³ Judith Adamson, *Charlotte Haldane: Woman Writer in a Man's World*, p. 62.

⁴ *Ibid.*, p. 60.

⁵ *Ibid.*, p. 73.

* * *

Em Moscovo, outra mulher procurava trabalho de guerra. Quando os alemães lançaram o seu ataque inesperado à União Soviética em junho de 1941, Nadya Ulanovskaya pensou que deveria trabalhar numa fábrica de armas: poderia assim ficar em Moscovo e estaria a fazer algo de útil para o esforço de guerra.

«Uma fábrica de munições não é lugar para ti», disse-lhe o marido, Alex, herói da guerra civil e agora capitão no Exército Vermelho. «Deixa-me falar com Solomon.» Solomon Lozovsky era um camarada da juventude revolucionária de Alex. Tinham-se conhecido enquanto exilados políticos em Paris, quando Alex andava a organizar greves na fábrica da Renault e Lozovsky ocupava um lugar mais confortável como diretor de uma cooperativa de panificação. Era agora vice-ministro das Relações Exteriores e desempenhava o papel de porta-voz junto da imprensa estrangeira, parte da qual já estava a caminho de Moscovo.

Nadya apanhou um elétrico para se encontrar com Lozovsky. No caminho para o centro da cidade, viu o modo como as autoridades haviam mobilizado arquitetos, pintores e cenógrafos para camuflar edifícios importantes, aprontando-se para os inevitáveis ataques de bombardeiros alemães. As paredes em tijolo vermelho do Kremlin estavam pintadas de amarelo e preto, com desenhos para que parecessem vulgares edifícios de apartamentos. As estrelas luminescentes de um vermelho vivo no topo das cinco torres do Kremlin foram desligadas e cobertas, e as cúpulas douradas das igrejas do Kremlin disfarçadas. A forma atarracada em mármore rosado do mausoléu de Lenine na Praça Vermelha — tão simbólica para Moscovo quanto a Catedral de São Paulo para Londres — foi ocultada com um telhado de duas águas que projetava uma longa sombra sob o sol de verão, disfarce melhor do que um simples trabalho de pintura. (O corpo de Lenine fora transferido em segredo para a Sibéria.) Foi construída uma ponte falsa de madeira sobre o rio Moscovo para confundir os navegadores alemães. Algumas das operações de camuflagem foram

bizarra e excessivamente zelosas: o Teatro Maly usou um pano de fundo da peça *A Floresta*, de Ostrovski, para adquirir uma aparência rural, embora não fosse claro o modo como isso poderia ludibriar um bombardeiro num ataque noturno.

Quando desceu do elétrico à porta do Teatro Bolshoi, Nadya viu que a clássica fachada, com os seus enormes pilares em mármore, havia sido revestida com uma ampla rede. A praça em frente ao teatro estava pintada para parecer do ar uma espécie de aglomerado de telhados de uma aldeia. Havia polícias a enxotar crianças que tentavam brincar ali, não fosse a sua presença revelar o disfarce a um avião de reconhecimento.

Nadya era uma das poucas pessoas em Moscovo que sabia por que razão fora investido tanto esforço na camuflagem da cidade. Na sua função de ensinar inglês a oficiais do exército, obtivera uma licença especial para ler a imprensa estrangeira. Impressionou-a que os jornais britânicos pudessem descrever a devastação infligida a Londres durante a *Blitz*, sem que com isso revelassem segredos militares ao inimigo nem deixassem moessa no moral dos londrinos. Na imprensa soviética, a *Blitz* apenas era referido de passagem, o que não acontecia por acaso, pois estava-se no período do pacto de não-agressão com Hitler.

O edifício do Ministério das Relações Exteriores para onde Nadya se dirigia ficava próximo da Lubyanka, o quartel-general da polícia secreta. A primeira impressão que Nadya teve de Lozovsky foi a de que não era como outros burocratas soviéticos que se orgulhavam da sua origem proletária ou campesina. Com o cabelo espesso e comprido, o bigode amplo e a barba de um grisalho mesclado, parecia um estadista francês do século XIX. Na brandura e requinte dos seus modos, perdera todos os vestígios da aldeia onde nascera. Recebeu Nadya com um sorriso paternal e, antes que tivesse podido pronunciar uma só palavra, disse-lhe que tinha um plano para si. Com o domínio que ela tinha do idioma inglês e a experiência de viver em Nova Iorque, adaptar-se-ia bem a trabalhar com os correspondentes britânicos e norte-americanos que chegariam em breve a Moscovo.

Sendo agora a União Soviética aliada da Grã-Bretanha e esperava-se que dentro de pouco tempo também dos Estados Unidos, esses correspondentes precisavam não apenas de tradutores, mas de alguém que compreendesse os seus hábitos.

«Preferia não trabalhar com estrangeiros», tartamudeou Nadya antes que ele pudesse ir mais longe. «Receio que quando a guerra terminar, o facto de eu realizar este tipo de trabalho possa prejudicar o Alexander Petrovich» — usou o modo formal de tratamento para se referir ao marido —, «tendo em conta o tipo de trabalho que estivemos a fazer durante tantos anos no estrangeiro.» Nadya não precisou de explicitar aquilo a que queria chegar. Estaline desconfiava de todos os que tivessem trabalhado no exterior com estrangeiros.

Lozovsky fê-la calar. «De que é que está a falar? Será que ainda estaremos sequer aqui quando a guerra acabar? Smolensk caiu e os alemães estão a caminho de Moscovo. A única questão é: iremos nós sobreviver?»⁶

Ele explicou que o fornecimento de ajuda norte-americana dependia do modo como os correspondentes escreviam acerca da guerra e que orientá-los não podia ser deixado nas mãos de vulgares burocratas soviéticos sem o conhecimento do mundo exterior. «A nossa gente, mesmo com as melhores das intenções, comete por vezes erros grosseiros ou age estupidamente», disse-lhe o velho revolucionário. Foi dado a entender a Nadya que não lhe estava apenas a ser pedido um trabalho e tradução para os correspondentes, mas que tivesse uma segunda função mais importante, que era apresentar a face amigável do regime de Estaline.

Fez uma última tentativa de rejeitar a oferta: «Como é que vou explicar aos norte-americanos o que fazia em Nova Iorque?»

Lozovsky desvalorizou a sua preocupação. «Diga apenas que foi acompanhar o seu marido, que trabalhava nas missões comerciais soviéticas em Nova Iorque. Não esconda pois que

⁶ Nadezhda Ulanovskaya e Maya Ulanovskaya, *Istoria Odnoi Semyi*, 3.ª edição (Inanpress, 2013), p. 71.

viveu na América.» Deu-lhe um conselho: «Quanto menos mentir, melhor.»

Estas palavras marcaram o final da entrevista de emprego de Nadya. Lozovsky pegou no telefone para marcar uma reunião entre ela e o diretor do departamento de imprensa do Ministério das Relações Exteriores. Era Nikolai Palgunov, um antigo jornalista com cara de bebê cujo cabelo castanho se conservava eriçado como um ouriço-cacheiro e cujos óculos de vidro de garrafa eram os mais grossos que Nadya alguma vez vira. Claro que também ele pensou que Nadya era muito adequada para a tarefa e, por acaso, acabara precisamente de chegar um correspondente norte-americano e precisava imediatamente da sua ajuda. Porém, antes de começar a trabalhar, havia apenas uma coisa que tinha de fazer: ter uma conversa com «outro camarada».

Após a ter interrogado demoradamente, esse camarada — que nunca lhe disse como se chamava — revelou-lhe que o correspondente norte-americano estava hospedado no Hotel Metropol. Precisava de uma secretária-tradutora e aqui estava o número do seu quarto. «Claro que entraremos em contacto consigo de vez em quando. Temos de saber quem são realmente esses jornalistas, o que pensam da União Soviética e por aí fora. Eu telefono-lhe. Não se preocupe, não a deixaremos sem apoio. Dar-lhe-emos instruções acerca do que tem de fazer para nós.» Nadya não gostou do tom de nada daquilo, mas não viu maneira de se desvincular⁷.

* * *

A 23 de junho de 1941, no dia seguinte ao ataque-surpresa de Hitler à Rússia, uma equipa de elementos da polícia iniciou uma operação de vigilância ao n.º 73 de Albert Road, uma casa de aparência abastada em frente a um parque na cidade costeira inglesa de Southport, no Lancashire. O fulcro da sua investigação era Ralph Parker, um jornalista que trabalhara para o jornal *The Times* em

⁷ *Ibid.*, p. 71.

Praga, com a sua futura mulher checoslovaca Milena como assistente, durante a ocupação alemã da Checoslováquia. Com os nazis a cravarem cada vez mais as garras no país e prestes a prenderem Milena, Parker fugiu com ela para trabalhar na Jugoslávia. Agora, vários meses depois, Ralph e Milena tinham regressado à segurança da sua casa de família. Tal como contou a um repórter de um jornal local: «Troquei Inglaterra por Praga com uma mala de viagem e solteiro, e voltei com uma mulher e muita bagagem».⁸

Os vigilantes observaram que Parker passava muito tempo no jardim das traseiras. Viram-no enviar um volume espesso pelo correio. Quando o inspecionaram, viram que era um manuscrito, o Capítulo 14 de um livro acerca das origens da guerra, que Parker estava a escrever com a mulher e enviara para uma agência para ser datilografado. Tirando isso, Parker apenas saiu de casa duas vezes durante toda a semana que durou a operação de vigilância. Ninguém foi visitá-lo. Dizia-se que a mulher estava acamada, muito doente. Os vizinhos sabiam que ele estivera a trabalhar para «o jornal *The Times* em Nova Iorque» e estava agora de licença do Departamento de Guerra, o que explicava o motivo de um homem de 34 anos não exercer qualquer atividade no âmbito da guerra. O oficial da divisão especial de polícia que supervisionava os vigilantes concluiu o relatório com um comentário suscetível de fazer soar campainhas de alarme entre os seus superiores: escreveu que toda a família exibia «um temperamento extremamente nervoso e todos pareciam muito desconfortáveis na presença de estranhos»⁹.

A divisão especial da Polícia Metropolitana mobilizara os vigilantes como parte de uma investigação do MI5, a agência britânica de deteção de espões, relativa a uma alegação de traição contra Parker. O MI5 avaliou Parker como um «indivíduo medroso» que poderia ser facilmente vergado por intermédio de um interrogatório «exaustivo e agressivo».

⁸ *Southport Visiter*, 5 de julho de 1941.

⁹ TNA KV6 120/7a.

A alegação estava relacionada com o tempo que Parker passara na Jugoslávia no início da guerra. Ele fora para a Jugoslávia como correspondente dos jornais *The Times* e *The New York Times*, mas ao fim de poucas semanas fora recrutado pelos serviços secretos britânicos para espiar a Albânia a coberto de atividade diplomática. Quando foi obrigado a deixar a Jugoslávia, prosseguira com o seu trabalho clandestino em Istambul, a produzir propaganda do tempo de guerra. Nesse período bélico, nada havia de surpreendente nessa mudança de carreira de jornalista para espião.

Porém, de acordo com a delegação dos Serviços Secretos Britânicos de Informações em Istambul, Parker fora contactado por um agente alemão reconhecido. Enquanto esteve instalado no Hotel Pera Palace, o melhor da cidade, construído para receber passageiros que chegavam no Expresso do Oriente, o agente fizera três telefonemas para o apartamento de Parker. Quando pediram a Parker, após regressar a Inglaterra, que explicasse por que razão estava em contacto com um agente inimigo, o interrogador verificou que as suas respostas eram «esquivas» e que tinha claramente uma «consciência pesada».

Enquanto o MI5 procurava mais provas contra si, Parker reuniu testemunhos de carácter, incluindo do presidente e do ministro das Relações Exteriores do governo checoslovaco no exílio, para atestar as suas tendências antifascistas. Antes de ter sido interrogado, escreveu ao MI5 que a mulher estava extremamente ansiosa por causa do que lhe poderia acontecer. Tendo escapado às garras dos nazis na Checoslováquia, receava que a investigação do MI5 levasse a que fosse encarcerada ou confinada num campo prisional na Grã-Bretanha como estrangeira inimiga.

Não obstante o MI5 o considerar medroso e propenso a vergar sob pressão, Parker organizou uma defesa astuciosa. Explicou que, se as suas respostas tinham parecido esquivas no interrogatório inicial, fora porque não quisera revelar informação que descreditasse os seus colegas que trabalhavam para os serviços secretos britânicos nos Balcãs. Se o MI5 pudesse mostrar-lhe as datas em que teria falado com o agente alemão — algo que não

fizeram —, poderia provar que não estivera em casa, mas no seu escritório. O seu trunfo era alvitrar que os telefonemas do agente alemão haviam sido equívocos: queria entrar em contacto com o proprietário do apartamento com quem tinha negócios e não sabia que o proprietário o alugara a um inquilino.

No seu memorando acerca do interrogatório, um secretário do MI5 escreveu que as provas eram muito escassas para formalizar uma acusação a Parker. O que o levou a decidir encerrar a investigação foi a convicção do MI6 de que Parker, se lhe fosse consentido prosseguir o seu trabalho como correspondente estrangeiro, «poderia produzir informação com interesse para eles»¹⁰. No entanto, era um atestado de competência não muito lisonjeiro da parte dos caçadores de espíões: o MI5 concluiu que Parker era «totalmente inofensivo» e «agora está demasiado assustado para arriscar qualquer jogada que possa suscitar novas suspeitas».

Isto abriu caminho para que Parker conseguisse a sua missão seguinte: correspondente em Moscovo do jornal *The Times*¹¹. O jornal ficara bem impressionado com o seu trabalho em Praga onde, com a ajuda de Milena, produzira textos muito legíveis debaixo do nariz da Gestapo. E agora, os serviços secretos de informações estavam desejos de o ter como fonte em Moscovo. A 11 de agosto, Parker estava pronto para obter uma autorização de viagem para a Rússia. O MI5 queria ser informado da data da partida e do seu itinerário¹². Tendo completado a sua aprendizagem em Praga, agora um canto sossegado do Reich alemão, e com alguma experiência de espionagem e propaganda em tempo de guerra, Parker rumava ao país onde se decidiria o destino da guerra na Europa.

Os documentos disponibilizados pelos Arquivos Nacionais deste período da guerra revelam as estreitas relações existentes entre a imprensa britânica e os serviços secretos, o que fez com

¹⁰ TNA KV6 120/8a.

¹¹ TNA KV6 120/13a.

¹² TNA KV6 120/13a.

que muitas vezes os correspondentes estrangeiros tivessem usado dois chapéus. Contudo, as diligências dos serviços de informações, ao vigiar-lhe o telefone e o correio, ao montar uma guarda estrita à sua casa e ao interrogá-lo com rigor, não conseguiu desvendar elementos da vida privada de Parker que definiriam o tempo que passou em Moscovo e, na verdade, o resto da sua vida.

Imagina-se o fervilhar no espírito de Parker enquanto aguardava, em setembro de 1941, o telefonema do Ministério da Informação com a indicação da estação ferroviária em que devia apresentar-se para iniciar a sua viagem para Moscovo. Atormentado pelas acusações de contactos desleais com os nazis e exaurido pelo esforço de se defender, uma parte diminuta de si teria ficado aliviada por deixar Inglaterra, com as suas divisões de classe, crises económicas e desemprego, e seguir para um país que se livrara de todas essas maleitas.

Não era o único jornalista incumbido de cobrir a frente oriental em 1941 a sentir emoções exacerbadas. Para Charlotte Haldane, a oportunidade de escrever acerca do heroico Exército Vermelho deixou-a exultante. Para Nadya, trabalhar para os jornalistas era um seu dever patriótico, mas exigiria toda a sua força mental reprimir as dúvidas acerca de Estaline que a assediavam desde o Grande Terror dos anos 1930. Uma vez devidamente instalados no Hotel Metropol, os jornalistas e as suas tradutoras iria confrontar-se com a mais draconiana das censuras sobre os meios de comunicação e sentiriam, de diversas maneiras, os benefícios acrescidos daqueles que alinhassem com a narrativa soviética ou os castigos terríveis aplicados aos que descarrilhassem.

3

Agosto de 1941: Mãe da revolução britânica

«As raparigas russas pagam bebidas no bar?» A pergunta, vinda de um homem jovem com o uniforme azul acinzentado da Royal Air Force, suscitou risos abafados em redor, tal como fora a sua intenção¹. Ao longo da hora precedente, Charlotte estivera a instruir um grupo de aviadores, embarcados num navio militar a navegar para a Rússia, acerca do que os aguardaria à chegada. Traçou um quadro glorioso da vida na União Soviética, onde homens e mulheres tinham direitos iguais, casamentos sem amor podiam ser anulados em minutos, e operários e cientistas eram os únicos aristocratas. Parte da audiência, totalmente composta por homens que não estavam particularmente interessados numa palestra acerca do seu tema, «A vida doméstica na URSS», sentiu que ia sendo a hora de interromper a sua retórica e obter alguns conselhos práticos acerca de como engatar miúdas russas. Com os anos que tinha de ativismo antinazi, Charlotte estava habituada a lidar com provocadores e ripostou para o inquiridor: «Raparigas a pagar bebidas no bar? Não só na Rússia. Pago-lhe uma rodada às 17h30.» Os jovens aviadores aplaudiram.

Estava-se em agosto de 1941 e Charlotte seguia a bordo do *Llanstephan Castle*, um cruzeiro de luxo com trinta anos que fora posto ao serviço da guerra como navio de transporte de tropas. Tal como havia prometido ao editor do *Daily Sketch*, a embaixada

¹ Feliks Topolski, *Fourteen Letters* (Faber, 1988), não paginado.

soviética despachou rapidamente o seu visto e o Ministério da Informação britânico arranhou-lhe uma camarata no primeiro comboio naval via Ártico com destino ao porto russo de Arcangel. A maioria dos passageiros integrava uma missão da Royal Air Force com 500 efetivos para reforçar as defesas aéreas do norte russo. Se o comboio sobrevivesse a ataques de submarinos e torpedeiros alemães, Charlotte estaria — como prometera — em Moscovo antes da restante imprensa britânica.

Além de Charlotte, apenas três outros membros da imprensa haviam conseguido arranjar camaratas a bordo — um jornalista norte-americano, um locutor da BBC e um artista gráfico. Seriam o núcleo de um corpo de imprensa dos Aliados em Moscovo para reportar a frente oriental onde os exércitos soviéticos estavam a recuar à frente das divisões de Hitler, até então nunca derrotadas na Europa continental.

O grupo da imprensa encontrou-se pela primeira vez para um exercício no convés com os botes salva-vidas. Charlotte ficou desagradavelmente surpreendida ao ver Feliks Topolski, um elegante artista de origem polaca. Aos olhos de Charlotte, Topolski representava o pior tipo de reacionário burguês que não teria lugar numa Europa socialista do pós-guerra, após a vitória de Estaline sobre Hitler. As suas credenciais como artista de guerra eram, todavia, imaculadas. Estaline não autorizava fotógrafos estrangeiros na frente oriental, por isso, Churchill recrutara Topolski para fornecer um registo pictórico.

O membro mais velho do grupo da imprensa era Vernon Bartlett, jornalista veterano que fora recentemente eleito para o parlamento numa plataforma de oposição à política de apaziguamento. Faria uma sucessão de emissões diretas de Moscovo para a BBC. O colete salva-vidas que mal envolvia a sua compleição taurina parecia ter-lhe engolido o pescoço, dando a impressão de que a cabeça gorda do deputado estava a ser servida numa travessa amarela. Assim constrangido, tentou fazer uma vénia cortês a Charlotte, que estava vestida para a lama e a neve da linha da frente, e não para se passear no convés. Topolski observou

incisivamente que ela envergava «o traje truculento de uma cigana sufragista de esquerda»².

A solenidade dos anúncios de evacuação foi sabotada pelo quarto membro do grupo de imprensa, o norte-americano Wally Carroll, editor de diplomacia europeia da agência United Press, que sussurrou aos seus colegas que se o navio fosse torpedeado, não haveria espaço suficiente para todos nos salva-vidas. Ouvira de fonte credível que seria cada um por si. E quanto aos coletes salva-vidas, eram uma perda de tempo — ninguém sobreviveria mais do que 2 minutos nas águas glaciais do Ártico.

* * *

O *Llanstephan Castle* fora construído para a carreira marítima de Southampton à Cidade do Cabo, um dos pontos de apoio do Império Britânico em África, e os seus salões estavam equipados com ventoinhas de arrefecimento para conforto dos passageiros de primeira classe quando atravessavam o equador. A viagem com saída de Liverpool levaria o navio para um clima muito mais frio, a norte da Islândia e pelos mares de Barents e Branco. O trajeto sinuoso do comboio muito acima do Círculo Polar Ártico foi traçado para se manter tão distante quanto possível do alcance dos aviões de deteção e bombardeiros alemães com base na Noruega. Na sua preparação, o cruzeiro fora pintado de cinzento e tinham sido instaladas metralhadoras no convés e um canhão de três polegadas na popa. No interior das cabinas, letreiros em inglês e africânder testemunhavam o prolongado uso do navio ao serviço dos colonos. Agora, em tempo de guerra, fora acrescentada uma mensagem educada: «Advertem-se os passageiros e a tripulação de que não devem revelar a ninguém a rota ou os pormenores da escolta. Lembrem-se de que temos de regressar.»

A 12 de agosto, o *Llanstephan Castle* largou de Liverpool em direção à sua primeira paragem, Scapa Flow, a base naval no norte

² Feliks Topolski, *Fourteen Letters*, não paginado.

da Escócia, onde o cruzeiro ocupou o seu lugar junto de cinco cargueiros que transportavam estanho, borracha e lã (para fabricar as botas de neve dos soldados russos) e, firmemente presos nos seus conveses, contentores gigantes de madeira que continham as peças de quinze aviões de combate *Hawker Hurricane*. O contingente da RAF incluía um comandante de ala nascido na Nova Zelândia e toda a tripulação e o pessoal técnico necessário para montar os *Hurricane* e para organizar uma operação de defesa aérea para proteger os abastecimentos levados para a Rússia pelos futuros comboios do Ártico. Uma remessa tão diminuta de aviões de combate não iria compensar as perdas catastróficas da força aérea soviética — apenas nas primeiras horas da invasão alemã, perdera pelo menos 1200 aeronaves, na sua maioria em terra, deficientemente camufladas³. Era uma entrada do pagamento pela outrora inimaginável aliança entre Estaline e Churchill.

Entre os passageiros incluía-se um contingente de oficiais polacos que iam para Moscovo para servir num exército em substituição para devolver a vida ao seu país. Nos termos do «pacto de malfeitores» de 1939, Hitler e Estaline tinham repartido a Polónia entre eles e Estaline deportara dezenas de milhares de oficiais e civis polacos para a Sibéria, para garantir que a Polónia nunca voltaria a erguer-se. Agora, depois de Hitler ter lançado a sua invasão inesperada da Rússia, e de Estaline se ter tornado aliado da Grã-Bretanha, o ditador do Kremlin deu uma reviravolta para agradar a Churchill. Chegou até a proclamar o seu apoio à Polónia como Estado independente.

Se o comboio, composto por seis cargueiros a navegar em perfeita formação de duas linhas e escoltado por navios da Royal Navy, conseguisse chegar a Arcangel e regressar, inauguraria uma ténue rota de abastecimento da Grã-Bretanha para apoiar o muito fustigado Exército Vermelho no seu combate de morte com a Wehrmacht. Com o comboio a avançar para alto mar, chegou a informação de que o *Tirpitz*, o mais recente e pesado couraçado

³ Richard Overy, *Russia's War* (Penguin, 2010), p. 76.

alemão, partira do Báltico após ensaios no mar e dirigia-se para norte para dar caça a transportes dos Aliados no mar do Norte.

Não obstante os perigos que se avizinhavam, nos primeiros dias, havia uma atmosfera de férias a bordo, com os passageiros a tomarem banhos de sol no convés, a procurarem grupos de baleias e golfinhos e a devorarem uma provisão de laranjas que restara da viagem de regresso da Cidade do Cabo⁴. Em contraste com este espírito de festa, estava o antagonismo inflamado entre Topolski e Charlotte. Topolski troçava dela como a «mãe da revolução britânica». Para si, quem visse em Estaline o salvador da nação polaca tinha de ser um inimigo. Quanto a Charlotte, deixou claro que não desejava «confraternizar» com ele nem com qualquer outro dos «reacionários» a bordo. Admitiu mais tarde que talvez os outros passageiros a tivessem achado pedante e intransigente.

Vernon Bartlett e Wally Carroll eram velhos amigos e, tal como sempre que dois jornalistas estão num espaço confinado sem textos para escrever, bebiam e trocavam histórias até altas horas da noite. Por influência dos jovens oficiais da RAF, Bartlett — apesar de ter quase 50 anos e ser deputado — perdera toda a pretensão de dignidade e cabriolava pelo navio, a fazer muito barulho e a merecer a repreensão do comandante do comboio.

Foram tomadas medidas para impor a disciplina a bordo entre os passageiros. Um médico do exército convocava-os para o convés todas as manhãs para fazerem exercício físico e extinguir as ressacas. Foi rapidamente organizada uma agenda diária de palestras, que se tornou tão popular que a da manhã era repetida à tarde, e iniciaram-se lições de língua russa.

A primeira palestra foi proferida por Hubert Griffith, um dramaturgo com intenso interesse pela Rússia, cuja peça *Domingo Vermelho* fora banida dos palcos de Londres pelo camareiro-mor da corte, pois o retrato que dava do ultraconservador czar Nicolau II era suscetível de incomodar o rei Jorge. Não se

⁴ Vernon Bartlett, *And Now, Tomorrow* (Chatto, 1960), p. 70.

deixando intimidar, Griffith publicou a peça com as palavras, «Proibida pelo Camareiro-Mor» proclamadas na capa. Agora, o escritor rebelde fora recrutado para servir de adjunto ao comandante de ala da RAF e orientar o relacionamento intrincado com os anfitriões soviéticos.

Griffith disse aos homens da RAF que tirassem das suas cabeças tudo o que tivessem ouvido ou lido acerca da Rússia soviética: seria uma «adulação exagerada de autores que alegavam que tudo na Rússia moderna é um paraíso terreno ou então uma maledicência exagerada, a alegar que nos últimos anos a Rússia fora em grande medida governada por lunáticos, fanáticos e incompetentes».

Deviam conservar um facto em mente: quando os bolcheviques tomaram o poder em 1917, a Rússia não estava vinte, trinta ou quarenta anos atrasada relativamente à Europa Ocidental, mas atrasada várias centenas de anos. Para fundamentar esta opinião, citou Maurice Paléologue, o último embaixador francês na corte real de São Petersburgo, que se considerava amigo do czar. Em 1914, no começo da Primeira Guerra Mundial, 90 por cento dos soldados russos não sabiam ler, não sabiam interpretar a mais simples tabuleta e não sabiam se a Alemanha que estavam a combater era «um homem, uma mulher ou uma coisa». Em apenas vinte e cinco anos, a Rússia soviética progredira tanto que lançava em campo um exército que visava combater em pé de igualdade com o de Hitler, que, recordava ele aos aviadores e aos seus técnicos, se revelara estar acima da capacidade bélica dos exércitos combinados da Grã-Bretanha e da França.

Não fazia sentido comparar a União Soviética com a Grã-Bretanha. Criar um tal exército em tão curto tempo deixava inevitavelmente outras coisas para trás, tais como a vida confortável e os bens de consumo. Alguns dos avós das pessoas que montariam e pilotariam os *Hurricanes* teriam nascido como servos, «camponeses que pertenciam ao proprietário de terras e que eram comprados e vendidos com as suas terras como gado». Disse-lhes que se lembrassem disso quando chegassem ao acampamento

— provavelmente, cabanas de madeira num espaço lamacento, na zona mais bravia da Rússia. «Teremos de fazer um sorriso forçado e fingir que gostamos.»⁵

Outro oficial da equipa da RAF tinha uma mensagem mais complicada para transmitir. Criado na Rússia czarista, o tenente de voo Hodson fora parar às forças britânicas em Arcangel em 1918, um empreendimento fatídico no final da Primeira Guerra Mundial cujo propósito era apoiar as forças antibolcheviques e afastar Lenine do poder. Desonrosamente, tiveram de retirar ao fim de um ano, sendo as suas forças totalmente inadequadas para a tarefa. O então ministro da Guerra britânico descrevera a missão como uma tentativa de «sufocar o Estado bolchevique à nascença». Esse homem era Winston Churchill, agora primeiro-ministro e aliado de Estaline. Os augúrios apontavam para que esta última força de intervenção britânica também em breve teria de se pôr em fuga.

Foi depois a vez de Vernon Bartlett falar da situação na Europa. Os aviadores estavam mais interessados nas opiniões do deputado acerca da política interna britânica e tinham muitas perguntas a fazer. Por que razão não eram os lucros das empresas controlados em tempo de guerra? Após a guerra, haveria um regresso à velha ordem desacreditada, tal como acontecera em 1918? E por que razão recusava a BBC tocar a *Internacional*, o hino nacional da Rússia soviética que era agora nossa aliada, no final das suas transmissões diárias? Com a elite governante britânica repleta de gente de direita pró-fascista, acabaria a guerra por evoluir para um ataque da Grã-Bretanha à Rússia? O estado de espírito das tropas era claro: lutariam para livrar o mundo de Hitler, mas votariam para derrubar a elite governante britânica.

Fascinante, galanteadora e dinâmica era como o oficial da RAF Eric Carter via Charlotte. Tal como já se esperava, a sua palestra criou uma verdadeira agitação entre os jovens da RAF. O entusiasmo era mútuo. Impressionaram-na as perguntas que

⁵ Hubert Griffith, *R.A.F. in Russia* (Hammond, Hammond Ltd, Londres, 1942), p. 23.

lhe dirigiram e aos outros oradores. «Aqueles rapazes tinham cérebros e davam-lhes uso. Sentia-me orgulhosa de ir para a Rússia com eles.» Enquanto única mulher independente — as outras mulheres eram as mulheres de diplomatas polacos e checos que viajavam para Moscovo —, era o centro de especulação animada entre os homens, que se mantinham atentos à sua cabina para ver qual, se algum, dos oficiais caíra nas suas boas graças. Tal como recorda Carter nas suas memórias, a revelar a dualidade de critérios da altura, Charlotte sentia-se «deveras atraída pelo oficial-piloto Dicky Wollaston e ele passava algum tempo com ela na sua cabina. Não quero insinuar o que lá estavam a fazer, mas duvido que estivessem a falar do tempo»⁶.

Ao longo da viagem, Topolski andou a «saltitar pelo navio como um gnomo bem-disposto, nunca deixando de desenhar»⁷. Toda a gente, do comandante aos técnicos da RAF e aos cozinheiros abaixo do convés queriam que o «gnomo» lhes fizesse o retrato, o que lhe proporcionava uma oportunidade ímpar para avaliar o moral a bordo. Enquanto o seu lápis dançava sobre as páginas do caderno de esboços, intrigava-o o que levava aquelas pessoas de diferentes nacionalidades e tendências políticas a juntarem-se no navio, e o que poderiam conseguir. Enquanto patriota polaco, procurava desesperadamente convencer-se de que estava a participar numa viagem épica, uma *Ilíada* do século xx que conduziria à restauração gloriosa da Polónia.

Topolski observou que os jovens homens da RAF nos conveses inferiores, não obstante os preparativos apressados e o desfecho incerto da sua missão, «palpitavam de vida» e estavam ansiosos por lutar ao lado dos russos para derrotar os nazis. Porém, a secção da primeira classe, a sala de jantar com painéis de mogno e uma ampla escadaria dupla que conduzia à sala de estar onde os oficiais superiores e os diplomatas se juntavam, era um caldeirão fervilhante de conspiração política. Tal como escreveu

⁶ Eric Carter, *Force Benedict* (Hodder, 2014), localização 1483 no Kindle.

⁷ Hubert Griffith, *R.A.F. in Russia*, p. 22.

no seu diário, ali estava ele rodeado pelas «intrigas dementes de governantes, adutores, velhos conservadores e candidatos a tribunais do povo». Não é difícil ver Charlotte como a «tribuna do povo» estalinista que tinha em mente. Durante as noites brancas, quando os passageiros se congregavam no convés para observar o anel do sol a mergulhar na linha do horizonte à meia-noite, antes de começar a ascender meia hora depois, Topolski evitava qualquer possibilidade de frente a frente com ela, sabendo que o tentaria persuadir a abandonar o seu nacionalismo burguês.

A fé de Charlotte de que Estaline teria êxito a rechaçar os exércitos conquistadores alemães nunca vacilou e foi capaz de suscitar a simpatia do povo britânico pelos «gloriosos combatentes» do Exército Vermelho.

Os relatos radiofónicos que escutavam enquanto o cruzeiro rasgava os mares gelados eram desencorajantes. O Exército Vermelho estava a ser esmagado. Kiev, berço do Estado russo, estava cercado e o Exército Vermelho debatia-se para livrar centenas de milhares dos seus homens de um movimento nazi de tenaz. Os russos haviam sido obrigados a rebentar com o dique do Dnieper, a mais esplêndida realização do primeiro Plano Quinquenal de Estaline, para travar o avanço dos alemães. E agora, os ouvintes polacos de rádio tinham sabido que o temido *Tirpitz* já se ocultava num dos fiordes noruegueses, pronto a atacar os comboios navais dos Aliados.

A 24 de agosto, domingo, os passageiros começaram a apostar no dia em que a aviação inimiga os localizaria, sendo quarta ou quinta-feira os dias favoritos. A tripulação passou em revista a água e as rações armazenados nos botes salva-vidas. Ao descer da ponte, a usar pela primeira vez o seu chapéu trançado dourado o comandante de ala da RAF anunciou que era agora segundo-comandante a bordo do *Llanstephan Castle*. «Os hunos estão próximos», declarou.

Uma névoa húmida e viscosa envolveu o comboio quando chegou à zona de perigo em torno do Cabo Norte da Noruega, escudando os navios de olhos inimigos. O comboio deslizou

silenciosamente no mar cinzento-escuro, atravessando um labirinto de neblina que por vezes adquiria a espessura de uma cortina impenetrável de frio e humidade. Os navios da frente arrastavam 100 metros atrás de si as chamadas boias de nevoeiro, de modo a que as embarcações que se seguiam pudessem conservar a formação e não se perdessem. Os homens da RAF envergavam casacos de lã com capuz e os artilheiros tinham autorização para abandonarem os seus postos e circularem alguns minutos pelo convés, para se manterem quentes.

Todos os receios entre os rapazes da RAF e os polacos de que estivessem a avançar para uma armadilha consolidaram-se quando o comboio chegou ao ponto de encontro onde a marinha soviética deveria escoltá-lo para Arcangel. Não havia sinal do navio de escolta prometido, o *Revolução de Outubro*. O comboio parou, ficando a flutuar com o rádio em silêncio e todos os motores desligados, de modo a que o fumo das chaminés não os denunciasse. O nevoeiro denso dera lugar a uma nuvem baixa e rarefeita que obscurecia tanto o horizonte como a extensão de água mais próxima, mas que, por vezes, se atenuava o suficiente para permitir um vislumbre de céu azul. Charlotte e os outros passageiros ouviram um avião alemão de reconhecimento a voar em círculos lá em cima. Por debaixo da fina manta nebulosa de segurança travava-se um jogo do gato e do rato. O comboio estaria seguro se o nevoeiro permanecesse mais tempo do que durasse a reserva de combustível do avião. Se houvesse uma fresta na névoa, os bombardeiros alemães cairiam sobre eles em poucos minutos. Por fim, o combustível escasseou e o avião de reconhecimento regressou à base. Em vez de esperarem como alvos fáceis, o comandante ordenou que o comboio avançasse através das defesas marítimas soviéticas com destino a Arcangel, com caça-minas à frente e contratorpedeiros atrás.

A ausência da escolta prometida e o facto de os alemães estarem a par da localização do comboio suscitava uma interrogação angustiante: teriam as autoridades russas — ou um espião — deixado escapar a informação do itinerário do comboio para

os alemães? Não havia indícios que confirmassem qualquer dessas suspeitas, mas adensavam a atmosfera difusa de desconfiança. O comandante preferiu concentrar-se no estado do tempo, não em conspirações. «Foi perigoso, mas o nevoeiro de ontem fez a sua parte», declarou ele⁸.

Quando o comboio se aproximou da costa russa, a atmosfera clareou e surgiu um farol. Charlotte exclamou: «Rússia, o farol do mundo.»⁹ Não conseguiu conter-se mais de fazer uma preleção a Topolski que, nessa altura, a despromovera a «matriosca da revolução britânica». Charlotte puxou-o à parte. «Antes de pisar solo russo, tem de decidir de que lado está. Ou é comunista ou é inimigo.» Espetou um dedo na sua direção. «Neste conflito não há meio-termo.»

— Está enganada, há um meio-termo —, insistiu Topolski. — Ambos os lados têm de ser honestos e estarem prontos para um compromisso. Não nos cabe apenas a nós, polacos, fazer todos os sacrifícios.

— No entanto, Estaline assumiu enormes compromissos. Os polacos que estavam detidos na Rússia estão a ser libertados e a ser autorizados a constituir um corpo de exército para libertar o seu país. Com o apoio da liderança soviética, forças progressistas polacas recuperarão o seu país. Tem de se juntar a elas.

Topolski estava prestes a perguntar por que razão devia confiar em Estaline, que se associara a Hitler na destruição da Polónia e alegava agora ser o salvador do país, quando *Madame Fierlinger*, a mulher envolta em estolas do embaixador checoslovaco em Moscovo, se meteu entre eles a pronunciar arrulhos em francês¹⁰.

Tendo passado o perigo de bombardeamento alemão, Charlotte deu plena rédea à sua exuberância, vaticinando que o comboio seria recebido à chegada por uma multidão vibrante no porto de Arcangel. Enquanto o piloto marítimo soviético subia a bordo

⁸ Feliks Topolski, *Fourteen Letters*, não paginado.

⁹ *Ibid.*, não paginado.

¹⁰ *Ibid.*, não paginado.

e conduzia o navio entre os bancos de areia do rio Dvina até ao seu ancoradouro, imperou o silêncio. No cais, ninguém correspondeu aos acenos dos homens da RAF, a não ser um rapazinho, demasiado novo para compreender as complexidades da política de aliança¹¹. Ouviu-se o estrépito de um tiro quando um soldado russo acordou alvoraçado e viu tropas de uniforme azul a entrar no porto, julgando-os sabotadores alemães, disparou e feriu um soldado da RAF na mão.

Ainda assim, Charlotte não moderou o seu entusiasmo. Wally Carroll, que nunca estivera na Rússia, viu-se apoiado na amurada do navio entre Charlotte e um oficial da Royal Navy. Encantada com a visão de trabalhadores no cais, a construírem uma rampa de troncos, Charlotte disse: «Já alguma vez viram trabalhadores a trabalhar assim? Vejam o cuidado com que varrem as lascas e as aparas. Não encontram homens a trabalhar assim num país capitalista.»

O oficial da marinha ao seu lado quase explodiu. «Nunca vi trabalho tão descuidado.» Observando os embarcadouros de madeira, que pareciam demasiado frágeis para receber o peso dos tanques que seriam entregues por comboios futuros, exclamou: «Estão nisto há já vinte e cinco anos e é apenas o que têm para mostrar.» Carroll também olhou em volta, mas não viu qualquer diferença entre os trabalhadores no cais e os que vira nas serrações norte-americanas. O que estava afinal em discussão?¹² Era uma lição para Carroll: a Rússia soviética não era apenas um país. Era uma tela branca na qual os visitantes poderiam projetar os preconceitos com que lá haviam chegado.

Charlotte tinha mais uma batalha a travar antes de poder iniciar o trabalho. A embaixada britânica fretara um avião para levar as pessoas importantes — os diplomatas e os outros dois jornalistas, mas não ela — para Moscovo. Ela e o restante «peixe miúdo» teriam de ir de comboio, o que poderia demorar muitos

¹¹ Vernon Bartlett, *And Now, Tomorrow*, p. 72.

¹² Wallace Carroll, *We're in This with Russia* (Houghton Mifflin, 1944), p. 53.

dias. Ela viu naquilo um castigo da embaixada britânica por ser comunista inveterada e protestou contra o insulto tremendo que isso representava para o seu jornal e o respetivo proprietário. Fez um tal rebuliço que a embaixada recuou e disponibilizou-lhe um lugar no avião para Moscovo¹³.

¹³ Charlotte Haldane, *Truth Will Out* (Weidenfeld, 1949), p. 194.

A história do Hotel Metropol de Moscovo — um lugar efervescente de intrigas e segredos, e o centro da nefasta propaganda de Estaline durante a Segunda Guerra Mundial

Em 1941, o exército alemão marchava em direção a Moscovo, antevendo-se a iminente queda da União Soviética. No entanto, tal nunca chegou a acontecer e, em 1945, um Estaline triunfante assumia o papel do transformador de um país pobre numa superpotência vitoriosa. Ao longo desses quatro anos de guerra, por insistência de Churchill, Estaline aceitou que um grupo de jornalistas americanos e ingleses ficasse em Moscovo para cobrir a guerra na Frente Oriental.

Hotel Vermelho, da autoria do jornalista Alan Philips, dá a conhecer a gaiola dourada que era o Hotel Metropol, onde o caviar não faltava e jovens mulheres serviam como tradutoras e companheiras de cama, mas também onde a intriga reinava: enquanto algumas tradutoras fizeram dos jornalistas meros transmissores da propaganda do Kremlin, outras eram dissidentes secretas que revelavam a dura realidade da vida soviética. Com recurso a informação inédita, o papel único das mulheres do Metropol é contado aqui pela primeira vez.

Num claro sinal de que tudo se repete, a história do Metropol reflete as lutas da nossa era moderna, com o uso da desinformação como arma de guerra, a falsificação da história e a neutralização de Estados independentes.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt
penguinlivros

ISBN 9789897875823



9 789897 875823 >